

CRÍTICA TEATRO | AS MARIAS DE BELÉM DO PARÁ

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Em 'As Marias de Belém do Pará', p diretor Eduardo Barata pratica um exercício de memória com imagens poéticas

Resgate afetivo

Ao rememorar sua ancestralidade, Eduardo Barata idealiza uma festa paraense evocada no palco. Escreve, com parceria de Elaine Moreira e

pesquisa de Claudia Chaves, um texto deleitoso revelando-se uma ode ao teatro, às mulheres e aos nortistas, nos quais a dramaturgia aglutina espinhas dorsais complementando-se.

A narrativa é situada no condo-

mínio Galharufa, em Copacabana, potencializando fatos históricos da trajetória profissional de oito artistas renomadas encontrando-se pela primeira em vez em cena, contribuindo para a sustentação de um resgate afetivo.

O diretor Eduardo Barata utiliza a memória como veículo poético em imagens impactantes. Decola seu espetáculo ao distribuir atores pelo público na procissão do Círio de Nazaré. A saudação da Ave Maria que apresenta as atrizes é tocante. Disponibiliza suas protagonistas para contarem suas histórias emocionantes, amalgamando suas experiências artísticas ao discutirem a

problemática condominial, numa referência clara ao ritual de passagem que um ator iniciante é apadrinhado por outro experiente. Movimenta com expertise seu elenco coadjuvante, que apoia a encenação.

Bete Mendes cita Camila Amado, Yara Amaral, Chica Xavier, Isabel Ribeiro, Vanda Lacerda, Aracy Balabanian, Françoise Forton, Glória Menezes e Laura Cardoso, com fotos irrompendo o prosaetno. Emocionada, lembra a galharufa que ganhou de Eva Wilma numa sala de ensaio conduzida pelo mestre Antunes Filho. Ítala Nandi relembra o Teatro Oficina e o primeiro nu no teatro brasileiro em plena

ditadura. Ivone Hoffman recorda que a dança a levou para o teatro e que Rubens Corrêa a socorreu para que ficasse no Rio. Maria Pompeu declama Vinícius de Moraes e comanda a oração do teatro, num momento pleno onde todos dão as mãos. Mariah da Penha rememora sua estada no grupo de Amir Haddad e a indicação ao Leão de Ouro concedida à Ruth de Souza. Veluma lembra o brilho de Tônia Carrero e Maria Della Costa, revelando ser a primeira manequim negra que desfilou sem alisar as madeixas. Hildegard Angel conta que trabalhou com Zé Celso em peça que virou a madrugada, e de sua trajetória como atriz ao lado de José Wilker e Tereza Rachel. Todas amparadas por Duda Barata, Cesar Werneck, Amanda Livia, Madu Emmerick, Juliane Andrade, Jhessy S, Miguel Petereit, Morgana Bernabucci e Giuliano Laffayette, além de Bárbara Vento, Camila Gonzalez, Maria Luiza Tonacio e Rohl. Joana Fomm não estava na sessão assistida.

A cenografia de Rostand Albuquerque remete à palha e aos barcos de miriti, originários do Pará. O figurino de Rute Alves valoriza as cores paraenses, com destaque para o vestido de Duda Barata ao cantar lindamente. Elisa Tandeta privilegia o azul para reminiscências. A direção musical de Marco André é embalada pelo carimbó, lambada, homenageando Fáfá de Belém, Joelma, entre outras.

Barata institui o afeto e faz com que o Pará, os artistas e o teatro não caiam em obsolescência.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Ira Barillo/Divulgação

Celebração e reinvenção

Em cartaz até o dia 13 no CCBB RJ, "Tudo Preto: uma re_vista" propõe fortalecer epistemologias negras, questionar hegemonias históricas — como a centralidade atribuída à Semana de Arte Moderna de 1922 e à branquitude intelectual na formulação da identidade nacional — e reafirmar a Companhia Negra de Revistas como patrimônio cultural e político do Brasil. Em cena, o elenco de atores-cantores dialoga com o texto original e com seus artistas precursores, em um ato de celebração, memória e reinvenção.



Lucas Freitas/Divulgação

Coragem para transformar

Em cartaz até o dia 8 no Teatro Raul Cortez, em Duque de Caxias, o espetáculo "Guerreiras!" celebra trajetórias femininas negras em concerto cênico, com canto lírico, teatro e piano. A montagem reúne obras da música de concerto, da canção brasileira e da música internacional, combinando canto teatro, projeções visuais e narrativa cênica para celebrar trajetórias femininas marcadas pela coragem e pela transformação social. O repertório dialoga com histórias de mulheres que desafiaram seu tempo.



Divulgação

A utopia de Ritinha

Espectáculo do premiado projeto Grandes Músicos para Pequenos, "Ritinha Rock and Roll - Rita Lee para Crianças" encerra temporada na EcoVila Ri Happy neste domingo (6). Com texto de Pedro Henrique Lopes, direção de Diego Moraes, direção musical de Guilherme Borges e coreografias de Natácha Travassos, o espetáculo mostra que ninguém é pequeno demais para ter sonhos grandes. A trama acompanha a história de uma menina cheia de imaginação que sonha em mudar o mundo com muito rock'n roll.